SEXO, RAÇA E CLASSE: relações sociais estruturais na vida de mulheres em situação de rua em Mossoró-RN

Iury Natasha Vieira de Oliveira¹

RESUMO

Este trabalho consiste em uma investigação acerca do modo como se articulam as dimensões de sexo, "raça"/etnia e classe social na vida de mulheres em situação de rua no município de Mossoró-RN. Apresenta um debate teórico-político a partir da categoria relações sociais de sexo em sua relação com a teoria social crítica. O artigo é fruto de pesquisa de mestrado, de natureza bibliográfica, com realização de visitas de campo e entrevistas. O debate sobre a população em situação de rua possui enfoque na categoria trabalho, articulando-a ao colonialismo, ao patriarcado e ao racismo na formação sócio-histórica brasileira. Intentou-se chamar a atenção para a histórica invisibilidade a que este segmento populacional foi relegado, bem como para a importância de se realizar mais pesquisas que busquem romper com essa invisibilidade na tentativa de compreender as particularidades que perpassam as vivências das mulheres em situação de rua.

Palavras-chave: Relações sociais de sexo, "raça"/etnia e classe. População em situação de rua. Feminismo materialista.

ABSTRACT

This work consists of an investigation into how the dimensions of sex, "race"/ethnicity and social class are articulated in the lives of homeless women in the city of Mossoró-RN. It presents a theoretical-political debate based on the category of social relations of sex in its relation to critical social theory. The article is the result of a master's research, bibliographical in nature, with field visits and interviews. The debate on the homeless population focuses on the work category, linking it to colonialism, patriarchy and racism in the Brazilian socio-historical formation. It was intended to draw attention to the historical invisibility to which this population segment was relegated, as well as to the importance of carrying out more research that seeks to break with this invisibility in an attempt to understand the particularities that permeate the experiences of homeless women.

Keywords: Social relations of sex, "race"/ethnicity and class. Homeless population. Materialist feminism.

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; Mestra; iury.natasha@gmail.com.

















Consciê<mark>ncia de Classe</mark> e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo investigar como se articulam as dimensões de raça, sexo e classe social na vida de mulheres que vivem em situação de rua no município de Mossoró-RN.

Estudar o fenômeno população em situação de rua (PSR) constitui tarefa desafiadora e necessária, pois é um dos fenômenos que mais amplamente conjuga uma complexidade de expressões da questão social e revela um processo de profunda pauperização da humanidade. Nesse segmento populacional, temos que a situação de miserabilidade aparece em sua máxima forma, expressão de uma realidade social em que as necessidades básicas para a subsistência e dignidade humana não são garantidas: moradia, alimentação, higiene pessoal, acesso a serviços de saúde, trabalho/emprego, segurança, etc.

A perspectiva teórico-metodológica utilizada é o materialismo histórico dialético. A escolha pela utilização desse método para a realização do trabalho se dá pela compreensão de que o método em Marx é o que melhor instrumentaliza e dá condições de uma investigação analítica, crítica, profunda, atenta às contradições e ao "movimento do real".

Sendo o método em Marx a perspectiva teórico-metodológica e política adotada, serão utilizados conceitos-chave que partem da compreensão da sociedade capitalista burguesa a partir das bases materiais que a constituem, em busca do desvelamento do que está posto, para que as análises não se detenham ao terreno superficial dos fenômenos. Com esse método, intenta-se a investigação da origem da exploração da classe trabalhadora para adentrar no entendimento da constituição do fenômeno população em situação de rua (PSR) e, em seus elementos constituintes, identificar as particularidades que se operam nas vidas das "mulheres que vivem na e das ruas".

Mais do que o entendimento da constituição do segmento PSR, essa pesquisa vislumbra contribuir com e para reflexões que orientem uma práxis libertária e transformadora, tendo como horizonte a construção de outra sociedade, radicalmente distinta da atual, com mulheres e homens emancipadas/os e inteiramente livres.















2 CAPITALISMO E POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

O fenômeno população em situação de rua não surge com o desenvolvimento do modo de produção capitalista. Contudo, neste sistema ele é instrumentalizado na logística de sua reprodução e, portanto, opera como parte de sua engrenagem pautada na luta de classes, na desigualdade social e em profundas contradições. Sobre essa vinculação da existência da população em situação de rua com o sistema do capital, nos diz Silva (2006):

[...] o fenômeno população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade. É um fenômeno que tem características gerais, porém possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No Brasil, essas particularidades são bem definidas. Há uma tendência à naturalização do fenômeno, que no país se faz acompanhada da quase inexistência de dados e informações científicas sobre o mesmo e da inexistência de políticas públicas para enfrentá-lo (SILVA, 2006, p. 95, grifos meus).

A quase inexistência/insuficiência de dados sobre a população em situação de rua no Brasil se expressa de forma explícita. Existe uma reivindicação histórica em torno da inclusão desse grupo populacional no Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como forma de realizar o levantamento estatístico da realidade dessas pessoas, conhecê-las para que esses dados possam vir a subsidiar políticas públicas que atuem no sentido de efetivamente contribuir para a melhoria nas condições de vida dessa população. Contudo, até o momento, isso não se efetivou.

A última (e única) pesquisa sobre o perfil da população em situação de rua (PSR) no Brasil, em nível nacional, foi realizada pelo Instituto META de Pesquisa de Opinião, por solicitação do então Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e publicada em abril de 2008. Ou seja, já se passaram mais de 13 (treze) anos dessa primeira tentativa do poder público em conhecer, pesquisar e, com isso, subsidiar a formulação de políticas públicas para este segmento populacional historicamente negligenciado na garantia de direitos por parte do Estado. A pesquisa

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

nacional acima mencionada, não foi realizada de modo a privilegiar a coleta de dados mais específicos acerca da condição de vida das mulheres em situação de rua, o que dificulta a análise do fenômeno, mas sinalizou alguns dados que apontam na direção da necessidade de mais pesquisas que deem conta dessas particularidades e necessidades, como podemos verificar na análise de Quiroga & Novo (2009):

Um dado interessante e que demonstra a diferença de oportunidades entre homens e mulheres em situação de rua é a frequência com que ambos afirmaram já terem trabalhado alguma vez com carteira assinada. Enquanto para os homens este percentual chega a 52,2%, para as mulheres entrevistadas este percentual é de 26,4% apenas. Estes números são especialmente significativos se considerarmos que [...] tanto homens quanto mulheres em situação de rua encontram-se em idade produtiva, havendo inclusive maior prevalência de mulheres nos grupos etários mais baixos e, portanto, com maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho (QUIROGA & NOVO, 2009, p. 164).

A reflexão acima assinala a necessidade de que mais pesquisas possam se debruçar sobre essa realidade social, ampliando suas possibilidades e análises. É o que pretendemos ao optar como categoria-chave de análise neste trabalho, além das relações sociais de sexo, "raça"/etnia e classe, a categoria trabalho.

Contudo, antes de partir para o tópico seguinte no debate das categorias acima mencionadas, cumpre destacar a definição para população em situação de rua que está sendo adotada neste trabalho:

Grupo populacional heterogêneo, caracterizado por sua condição de pobreza extrema, pela interrupção ou fragilidade dos vínculos familiares e pela falta de moradia convencional regular. São pessoas compelidas a habitar logradouros públicos (ruas, praças, cemitérios, etc.), áreas degradadas (galpões e prédios abandonados, ruínas, etc.) e, ocasionalmente, utilizar abrigos e albergues para pernoitar (BRASIL, 2008, p. 08).

A partir da compreensão de uma necessária relação entre o modo de produção capitalista e o agravamento das condições e vida da população em situação de rua na contemporaneidade é que se assentam as análises aqui empreendidas.















3. RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO E POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Sobre a categoria relações sociais de sexo (RSS), trago o entendimento pelo qual passa essa elaboração teórico-política:

> Com base no conceito de *rapports sociaux*, uma das principais características da corrente feminista materialista francófona é afirmar que as mulheres não são uma categoria biológica, mas uma classe social definida por rapports sociais de sexo, historicamente e geograficamente variáveis, centralmente organizados em torno da apropriação individual e coletiva da classe de mulheres pela classe dos homens, por meio do que Colette Guillaumin (1978, 1992) denominou sexage (sexagem). Esses rapports são solidamente apoiados no que ela chamou de ideologia da Natureza - na qual estão subjacentes também as rapports sociais de "raça" (CURIEL; FALQUET, 2014, p. 15).

Uma das razões da escolha pela utilização da referida categoria analítica se assenta na análise crítica que ela propõe ao processo de biologização do sexo a partir do sistema de análise sexo-gênero (biológico-social). Nesse sentido, coaduno com a crítica de Cisne e Santos (2018):

> A crítica à biologização do sexo a que o gênero esteve associado é uma das razões que fazem algumas feministas materialistas preferirem a adoção do termo "relações sociais de sexo" e não gênero, por entenderem que o sexo também é socialmente determinado e que reduzi-lo à dimensão biológica reforça o processo de naturalização e de a-historicidade que a sexualidade tem sido tratada, notadamente, no ambiente teórico e político conservador (CISNE; SANTOS, 2018, p. 50).

Diante disso e considerando as relações sociais de sexo, de "raça"/etnia e de classe como estruturantes do modo de produção e reprodução da vida social no sistema capitalista, identificamos que as mulheres em situação de rua são um dos segmentos mais pauperizados e mais explorados dentro desse sistema, sofrendo diversas formas de opressão.

No cerne dessa questão, no centro da opressão da mulher enquanto grupo social pelo grupo social dos homens, está uma base material concreta sem a qual não faria tanto sentido como faz a perpetuação dessas opressões no sistema capitalista: essas relações desiguais e patriarcais são extremamente funcionais e necessárias a reprodução desse sistema. As mulheres estão na base social da reprodução do

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

mundo e contribuem direta e enormemente para manter o âmbito da produção funcionando plenamente. Essa base material é o trabalho.

Essas condições de desigualdades podem ser percebidas no mercado de trabalho. Historicamente, mulheres e homens são desigualmente remunerados em postos de trabalho semelhantes, chegando essa diferença a atingir cerca de 30%: mulheres recebem um salário aproximadamente 30% menor do que homens para exercerem a mesma função. Em algumas dessas situações, inclusive, a mulher possui até mesmo grau de escolaridade formal/capacitação profissional superior à do homem. Esse é um exemplo explícito da base material que conforma essa estrutura de sociedade funcional ao capital. Isso porque uma mão-de-obra desvalorizada significa maior acúmulo por parte da burguesia que emprega a classe trabalhadora de forma intensamente precarizada.

Quando comparamos as condições de trabalho por meio de uma análise racializada, identificamos que diante de uma série de aspectos - condições de acesso, empregabilidade, postos de trabalho, salários, dentre outros - a população negra encontra-se em condição de ainda mais desvantagem diante da população branca no campo do trabalho.

Outro elemento que se expressou fortemente nos dados da produzidos na pesquisa foi a dimensão da apropriação dos corpos das mulheres. O que mais me chamou nos relatos obtidos por meio de entrevistas realizadas na pesquisa de campo foi o fato de todas as mulheres entrevistadas terem relatado experiências de violência e abuso sexual desde muito novas, algumas ainda crianças.

É um dado que revela a dimensão de apropriação do corpo dessas mulheres nas relações de sexagem, sobre as quais nos diz Guillaumin (2014):

Nas relações de sexagem, as expressões particulares dessa relação de apropriação (aquela do conjunto do grupo de mulheres, aquela do corpo material individual de cada mulher) são: a) a apropriação do tempo; b) a apropriação dos produtos do corpo; c) a obrigação sexual; d) o encargo físico dos membros inválidos do grupo (inválidos por idade — bebês, crianças, velhos — ou doentes e deficientes), bem como dos membros válidos do sexo macho (GUILLAUMIN, 2014, p. 34-35).

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

Observando as experiências aqui colocadas e suas articulações, identificamos o quão profundas e arraigadas são as raízes do patriarcado na formação brasileira e o quanto históricas relações de apropriação permanecem em nosso cotidiano com a aparência de natural, algo que sempre existiu e sempre existirá. Por outro lado, é muito interessante perceber também o componente subversivo contido nas experiências de vida dessas mulheres, que sob as mais variadas e diversas formas de violência, resistiram ao confinamento do espaço doméstico e ousaram ocupar as ruas, com toda a sua complexidade e contradições.

4 CONCLUSÃO

Compreender o surgimento do fenômeno população em situação de rua em sua complexidade e multiplicidade só nos mostram o quanto ainda precisamos nos debruçar nas análises, e ao mesmo tempo reforça a importância de compreendê-lo como uma fenômeno que, embora anterior ao próprio modo de produção capitalista, nele se complexifica e agudiza, razão pela qual é fundamental entender as bases matérias de nossa dominação para tentar entender de que modo se dão as relações sociais de sexo, de "raça"/etnia e classe social, imbricando-as ao entendimento das relações sociais com as mulheres em situação de rua.

Diante disso, destaco algumas observações feitas a partir dos resultados da pesquisa. Tomando como elemento central de análise a categoria trabalho e a categoria relações sociais de sexo, "raça"/etnia e classe, identifiquei que todas as relações de trabalho apresentadas pelas mulheres entrevistadas se dão de forma absolutamente precarizada, sem nenhum vínculo formal de trabalho, nem condições dignas de subsistência por meio de suas atividades. Outro elemento fortemente presente é a relação da violência sexual (abuso e exploração), assim como a prática da prostituição, que foi relatada por 03 (três) das 05 (cinco) mulheres entrevistadas. A dimensão de apropriação dos corpos, sendo tomados como corpos públicos, disponíveis, quase de forma literal.

A violência do Estado também passou pelos relatos das mulheres, principalmente com relação ao uso das fontes existentes nas praças de Mossoró,

















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

quando as pessoas que moram na rua são "flagradas" por servidores da Guarda Municipal – cujo objetivo primordial é o de proteger o patrimônio – os relatos são generalizados em torno da violência que cometem contra a população em situação de rua, afinal de contas "a mulher e o homem são levados a morar na rua por uma condição imposta pela sociedade de classes, organizada para defender a mercadoria e o mercado, e não a pessoa e a vida" (TIENE, 2004, p. 19).

Não há como deixar de mencionar também esse momento histórico que vivenciamos e que teve implicações diretas sobre a vida das pessoas em situação de rua, que é a pandemia em decorrência do Novo Corona Vírus e sua doença devastadora, a Covid-19. Ouvi diversos relatos informando o quanto foi mais difícil ainda nesse período receberem qualquer suporte, acolhida, pois se antes tinham alguns contatos, algumas pessoas que permitiam que fizessem uso do banheiro de suas casas ou de seus estabelecimentos comercial, com a emergência da pandemia, as portas que eram timidamente entreabertas, fecharam completamente.

Por outro lado, também foi possível ouvir relatos e testemunhar experiências de solidariedade genuína entre "os irmãos de rua" e perceber que, mesmo diante das vivências as mais adversas possíveis, os laços de solidariedade e de esperança persistem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Política Nacional para Inclusão Social da População em Situação de Rua**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasília, 2008.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, diversidade e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018.

CURIEL, Ochy e FALQUET, Jules. **Introdução**. In: FERREIRA, Verônica; ÁVILA, Maria Betânia; FALQUET, Jules; ABREU, Maíra. O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas. Recife: SOS Corpo, 2014, p. 07-26.

FERREIRA, Verônica; AVILA, Maria Betânia; FALQUET, Jules; ABREU, Maira (orgs.). **O patriarcado desvendado:** teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet, Nicole-Claude Mathieu. Recife: SOS Corpo, 2014.



















Consciência de Classe e Lutas Sociais na Superação da Barbárie

QUIROGA, J.; NOVO, M. **Elas na rua:** população em situação de rua e a questão de gênero. In: BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (p. 155-170). Brasília, DF: MDS, 2009. Disponível em: Acesso em: 23 jun. 2018.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2006.

TIENE, Izalene. **Mulher moradora de rua:** entre vivências e políticas sociais. Campinas: Alínea, 2004.













